

MUSTI, D. I Greci e l'Italia. In A. Momigliano; A. Schiavone (Dir.) *Storia di Roma*. Vol. I, Roma in Italia. Torino: Giulio Einaudi editore, 1996: 35-51. Trechos selecionados e adaptados. Notas da tradução (M.I.D.A.Fleming).

Os gregos e a Itália

a) Mitos etnográficos e Lácio antigo

Etnografia/Geografia

A etnografia e a geografia do Lácio antigo e da Itália antiga, em geral, foram uma criação dos gregos, que tiveram um papel determinante num processo que dependeu da experiência e da reflexão sobre povos e regiões da Península Itálica (PI). O estudo que se delineou dos povos da primeira Itália é, sobretudo, uma viagem ao interior da consciência grega. Isso se aplica ao nome **Itália**.

À primeira vista, a história deste nome aparece como um processo em expansão do termo geográfico:

- começa numa região muito restrita, a ponta extrema da bota, ao sul do istmo entre o golfo de Esquilaceu, no mar Jônio, e o golfo de Sta. Eufêmia, no mar Tirreno;
- posteriormente se amplia, sendo seus limites no Tirreno a foz do rio Sele, próxima à cidade de Pestum, e no Jônio, a foz do rio Bradano, próxima a Tarento;
- gradualmente, investe a península inteira.

Entretanto, a realidade foi diferente: antes do séc. III a.C., a partir do qual o nome Itália se expandiu paralelamente ao domínio de Roma, a história do nome não foi um processo que incluía cada vez mais grupos. Na verdade, os gregos conseguiram com êxito homologar cada vez mais novos povos associados a uma noção geográfica e etnográfica, e com esses povos aprenderam a definir as populações indígenas da Itália meridional. É como se a consciência grega fosse acrescentando dentro do nome Itália sempre novos povos, classificados segundo estratos etnográficos:

- no primeiro estrato etnográfico que emergiu na tradição grega estavam os enotros, os cônios, os morgétios e os sículos;
- no segundo estrato: os de cepa osca: os samnitas, os lucanos e os brútios;
- enfim os da Itália central, em particular do Lácio.

Mas, neste ponto, o processo da expansão do nome se torna mais complexo: a tradição grega, e mais especificamente, a historiografia grega, contribuíram para o registro e a criação parcial de nomes de povos e de regiões que depois se tornaram aqueles históricos.

Mitologia

A tradição grega também difundiu mitos de heróis e de povos gregos que chegaram à Itália. A avaliação exata destas tradições é parte essencial das pesquisas sobre a presença pré-colonial grega na Itália.

A partir do séc. VIII, a Itália meridional e a Sicília foram o espaço da colonização grega de tipo “político”. Foi um movimento de expansão dos gregos para o Ocidente que levou à fundação de verdadeiras *póleis* (cidades-estados). Como se trata da própria história dos gregos, **o juízo que eles fazem desses fatos é central**. Nisso estão envolvidas as teses de uma origem grega de Roma sob os aspectos étnico e político.

Um dos que sustentaram essa visão foi Dionísio de Halicarnasso em sua obra *Antiguidades romanas*. Como todas as teses, esta tem seus limites, na medida em que o autor sacrifica uma parte considerável de formas e influências culturais locais.

Mitos etnográficos e presença grega na Itália

De todos os grandes mitos, o mais profícuo para a história de Roma e do Lácio arcaico foi o mito arcádio, na versão particular da lenda de Evandro. Inclui-se entre os demais, o mito de Hércules, não muito ligado ao de Evandro. Também o mito das origens troianas, sentido como indício de frequentação grega em época micênica, mesmo se a presença histórica seja um tanto quanto diversa. Outros mitos mais esporádicos são o da chegada dos aqueus a Lavínio, após a Guerra de Tróia, ou o das peregrinações de Ulisses, que o levaram até a foz do Tibre e, rio acima, até Cortona, uma cidade etrusca.

Mito de Evandro

É o mito que mais especificamente se refere a Roma; é o mais encorpado, pela consistência e força de alusão. Na trajetória da difusão de tradições de origens arcádias entre os povos da PI, percebe-se que os mitos cresceram substancialmente. Basta observar a diferença entre os estágios dessas lendas no decorrer dos séculos:

- séc. V a.C.: os filhos do Arcádio Licaônio, filho de Pelasgo, são Enotro e Peucêtio, epônimos¹ de dois povos correspondentes no território que será historicamente a Lucânia e a parte central da Apúlia;

- período helenístico (final do séc. IV-início do III a.C.): também o povo dos daunios, na Apúlia setentrional, será incluído numa saga de matriz Arcádia;

- a partir de III a.C.: a lenda arcádia atinge Roma, ou melhor, constitui a **premissa mítica do assentamento de Evandro no Palatino**;

As filiações de Evandro são atestadas em várias fontes de forma diferente: para Hesíodo, o herói era filho de Equemo e Timandra; em atribuição mais tardia,

¹ Epônimo: aquele que empresta seu nome a alguma coisa.

filho de Hermes e a ninfa Carmenta;² Eratóstenes³ também se refere a Carmenta, a Sibila⁴ itálica.

De um lado, temos um processo complexo da genealogia de Evandro, de outro, temos as variantes que o mito apresenta. Isso indica como a lenda de Evandro assentado no Palatino seja um mito em expansão e que é atestado na área romana, pelo menos no início da analística, isto é, final do séc. IV, início do séc. III a.C. Como consequências, há incongruências do mito e projeções tardias para um passado remoto. Por exemplo, Evandro, pela cronologia do mito, é um personagem datado do final do séc. XIII, início do XII a.C. A ele foi atribuída a introdução do alfabeto grego no Lácio. Esse fato, pela sua própria natureza, deveria ser datado não antes de IX-VIII a.C., o nascimento da escrita grega na própria Grécia, ligado ao aparecimento das primeiras *póleis*. São, portanto, sugestões de contato entre gregos e itálicos em locais diferentes de Roma, ou entre a própria Roma e os gregos de períodos mais tardios, projetadas neste personagem.

Essa atribuição da introdução da escrita, independentemente de problemas técnicos, está relacionada à possibilidade histórica da difusão de uma escrita só imaginável no cenário de uma sociedade altamente organizada, como era, a propósito, a sociedade dos palácios micênicos. A tradição romana transmite uma imagem de uma cidade de Evandro no Palatino. De outro lado, um assentamento de qualquer modo comparável a essa imagem apenas com base nos esporádicos fragmentos cerâmicos micênicos encontrados no Lácio, fora ou dentro do *Latium*

² Divindade mãe do herói Evandro a quem acompanhou quando foi exilado da Arcádia, na Grécia. Na Arcádia foi identificada com Nicostrate, Temis, Timandra, Telpousa ou Tiburtis. Em Roma foi chamada de Carmenta porque tinha o dom da profecia (no latim, *carmen* = “profecia”, encantamento). Ela escolheu o sítio mais favorável para estabelecer Evandro. Quando Hércules veio ao Palatino, ela lhe contou do destino que o aguardava (ver texto abaixo: episódio dos bois de Gerião e Caco). Ela viveu até a idade de 110 anos; seu filho a enterrou nos pés do Capitólio, próximo à Porta Carmental, assim chamada em sua memória. Em outras tradições Carmenta era a esposa de Evandro. Quando ela recusou um convite de Hércules de participar do sacrifício que ele estava oferecendo na *ara Maxima*, ele proibiu que as mulheres, desde então, comparecessem à cerimônia. Carmenta era também considerada como uma divindade da procriação: era invocada por dois nomes Prorsa (cabeça primeiro) e Postversa (pés primeiro), as duas posições nas quais uma criança pode nascer.

No conjunto dos doze trabalhos de Hércules, o rei de Micenas, Euristeus, ordenou o herói a trazer o gado de Gerião, um gigante de três cabeças e três corpos, que vivia na ilha de Erythia no extremo Ocidente. Sua riqueza consistia em rebanhos guardados pelo pastor Eurytion e seu enorme cão Orthus. Conforme ordenado, Hércules roubou o gado de Gerião, matando o pastor e seu cão, e o trouxe para a Grécia em estágios, enfrentando enormes dificuldades. Entre elas, a aventura para recuperar quatro bois e quatro vacas roubadas por Caco, quando transportava o gado pela Itália. Caco era também um gigante de três cabeças e que soltava fogo pelas ventas. Escondeu os animais em sua caverna e, para não deixar pistas, os puxou pela cauda: as pegadas sugeriam que eles saíam da caverna. Hércules descobriu o truque e também foi informado por Caca, irmã do gigante, num ato de traição. Na luta entre os dois, Hércules bateu muito com a maça em Caco. Em outra versão do mito, quando Caco empilhou pedras na entrada da caverna, Hércules cortou o topo da montanha para revelar o esconderijo e matou Caco. O rei local, Evandro, recebeu Hércules e o purificou depois do assassinato.

³ Erudito alexandrino nascido em Cirene, norte da África (c.275 – c.195 a.C.), educado lá e em Atenas antes de ser convocado para Alexandria por Ptolomeu III. Ali se tornou chefe da biblioteca em sucessão a Apolônio Ródio.

⁴ Sibila, uma sacerdotisa que divulgava os oráculos de Apolo. De acordo com algumas tradições, a primeira Sibila era uma menina com este nome, filha de Dardano e Neso. Possuidora do dom da profecia, ela gozava de grande reputação como clarividente e o nome Sibila foi atribuído geralmente a todas as profetisas.

vetus, é muito difícil de ser apoiado, levando em conta o crescimento do mito arcádio e a idade tardia do mito de Evandro nesta região (séc. III a.C.).

Em suma, quando se procura uma historização, se encontram obstáculos típicos da tradição: memórias apagadas ou tentativas tímidas e tardias de dar corpo e força à presença colonial; impossibilidade de traduzir essas premissas tênues em eventos de ordem político-militar, que são eventos históricos por excelência para a historiografia antiga, os únicos que se aplicam como tal. O reino de Evandro vem de muito pouco e se perde no nada, na maior parte das fontes que falam dele.

Por outro lado, se recuarmos ao Lácio antigo da época a que deveria pertencer Evandro, verifica-se a ausência de traços de transformações significativas da *facies* cultural. Neste caso, o mito de Evandro pode parecer, no máximo, como uma recuperação muito exagerada em relação à fase histórica de frequentação micênica no Mediterrâneo ocidental e, talvez, especificamente no Lácio. Esta hipótese não é a necessária, pois se deve levar em conta que o mito possa ter canalizado para o Lácio presenças gregas em outras partes da Itália, a partir do momento em que Roma transformou-se em uma entidade política de alguma evidência para os gregos, isto é, a partir do séc. IV a.C. É quando começa a se especificar a constituição, alguns costumes, algum determinado evento histórico, como a descida dos gauleses e o incêndio que se seguiu, o envio de colonos romanos à Córsega. Antes, Roma era apenas uma entidade geográfica e étnica, da qual se conheciam o nome, a localização e uma eventual origem mítica.

Ainda em relação à interpretação grega dos achados micênicos, em vez de querer reconhecer nesse material esporádico um sinal direto e imediato da passagem de navegadores e viajantes micênicos, o que por si só não é impossível, deve-se levar em conta dois aspectos fundamentais da questão:

- a) o fenômeno se insere entre os fatos dignos de atenção histórica para os gregos clássicos, como, por exemplo, a fundação de uma cidade?;
- b) ele incidiu, como evento determinante, na configuração ou na articulação da sociedade local?

Além disso, na consciência dos gregos, a difusão da cerâmica e de outros produtos artesanais pode-se dizer que pertença a um nível temporal diferente daquele dos fatos político-militares. Portanto, é muito importante conhecer as categorias gregas, já que são os gregos as fontes que descrevem a história do Lácio na Idade do Bronze final ou de Roma primitiva. A difusão das manufaturas gregas, especialmente da cerâmica, pertence ao nível temporal da “longa duração”, ao fenômeno de contato ininterrupto entre as margens do Mediterrâneo, em que entraria o comércio dos navegadores (“ambulantes”) micênicos. Para o historiador interessa, entretanto, saber se as presenças esporádicas dos micênios na Itália, ou nas ilhas do Mediterrâneo ocidental (Sicília e Sardenha) foram tão perturbadoras como querem alguns estudiosos, ou se encaixariam num quadro de troca intensa, ainda que submissa, do tipo que a tradição grega não consideraria num nível de evento histórico determinado. A tradição de um povo como o grego, muito raramente considera a cerâmica como sinal de nível cultural. A caracterização de um povo seria com armas ou modos de sepultamento, não os vasos cerâmicos, sendo exceções

esporádicas alguns vasos de Atenas. É muito evidente o sentido da distinção desses planos.

b) Troianos e aqueus

Segundo a tradição grega, as fundações aqueias na Itália meridional referem-se ora a aqueus do período micênico, ora a fundações do período arcaico, fundamentalmente, séc. VIII a.C.; neste caso, colonos provenientes da Acaia, a região costeira do norte do Peloponeso. Certas versões do período helenístico, coletadas por Estrabão,⁵ de Caulônia a Crotona e Metaponto, admitem fundações do período épico: os aqueus dessas fundações são na tradição (tardia) ligados aos *nôstoi*,⁶ um dos poemas perdidos do ciclo épico, cujo tema eram as aventuras dos vários heróis aqueus em seu retorno da Guerra de Tróia – o grande mito por trás dessas fundações e que produziu as presenças de heróis gregos na Itália meridional. Às vezes, tradições de fundação aqueia ou troiana estão lado a lado sem serem alternativas uma à outra. Nelas estão em foco gregos vindos de Tróia e troianos fugitivos da mesma cidade.

Continuidade X Descontinuidade das presenças gregas na Itália

Para Antíoco de Siracusa,⁷ a colonização arcaica teve um forte impacto que provocou uma descontinuidade entre eventuais fundações micênicas do Ocidente e as fundações políticas dos sécs. VIII e seguintes. As tradições tardias, difundidas e sistematizadas por Timeu de Tauromênio⁸ e conservadas por Estrabão, transmitem a idéia de “continuidade” dos assentamentos gregos no Ocidente desde época micênica até a clássica, com eliminação característica das novidades grandiosas de época arcaica. Constata-se uma diferença entre a historiografia racional e crítica da Sicília e a historiografia da Itália. Na Itália, os aqueus aparecem nas vestes dos pílíos, sequazes de Nestor,⁹ em Metaponto, situada no mar Jônio, e em Pisa. Nos locais onde interveio a historiografia siciliota¹⁰ do séc. V a.C. – Antíoco e tradições com

⁵ Geógrafo grego (64 a.C. – c.24 d.C.). Nascido no Ponto grego, mar Negro, na cidade de Amasea, Estrabão passou grande parte de sua juventude estudando em Roma antes de dar início a suas viagens, no decorrer das quais visitou o Egito, a Etiópia e a Arábia. Seus *Esboços Históricos*, em 47 livros, perderam-se, mas sua *Geografia* (17 livros) sobreviveu.

⁶ Do grego νοστος, retorno. Por extensão, ação de chegar num país.

⁷ Historiador siciliota do séc. V a.C., que coligiu muito material valioso proveniente de fontes orais ou escritas. Como não há dúvida de que ele está por trás de muito do que os outros autores afirmaram sobre a Sicília dessa época, inclusive Tucídides, pode aceitar-se que aquilo que por eles sabemos é, em geral, bastante seguro. Aparentemente, foi o primeiro a nomear Roma. Ocupava-se de assuntos do Ocidente desde Cocalo à Conferência de Gela e era ainda lido nos tempos de Augusto.

⁸ Historiador líder dos gregos do Ocidente (c.356 – 260 a.C.), era do leste da Sicília, da cidade de Tauromênio. Foi Timeu que introduziu Roma ao conhecimento grego, primeiramente, através de sua história geral e, posteriormente, por sua monografia sobre a Guerra de Pirro.

⁹ Na *Ilíada* e na *Odisséia*, Nestor é a arquétipo do homem velho e sábio, valente no campo de batalha, mas, sobretudo excelente no conselho. Ele reinou em Pilos e teve um papel importante na Guerra de Tróia. Acompanhou Menelau em sua viagem pela Grécia para reunir os heróis, e ele próprio providenciou uma esquadra de noventa navios.

¹⁰ O termo siciliota designa os gregos da Sicília, contrapostos aos habitantes locais, entre eles, os sículos.

seus reflexos –, se firmam relatos de fundações de época arcaica (séc. VIII a.C.) para a Itália meridional e parecem não passar tradições de fundações, assentamentos ou presença dos gregos micênicos, nem mesmo para a Sicília.¹¹ São excepcionais as menções de troianos e de gregos da Focéia em Erice e Segesta.

A cultura material (cerâmica) associada à presença micênica tem sua distribuição bem representada na Itália, Sicília e Sardenha. A área de maior densidade é a Apúlia, especialmente a costa jônia e o interior imediato da Lucânia no mar Jônio; é também relevante nas ilhas Eólias, onde tem continuidade secular; é significativa nas costas orientais da Sicília, discreta na Sardenha e mais esporádica no Lácio e na área do delta padano, no Adriático.

Se as tradições gregas tardias recuaram algumas fundações gregas da Itália para o período micênico, numa visão “continuista” do assentamento grego na Itália (que a tradição siciliota do séc. V não reconhece), pergunta-se **se** e **quanto** recuem estas sistematizações helenísticas na tradição e literatura precedentes. No caso da literatura, um precedente, embora não documentado, são os *nôstoi*, compostos entre os sécs. VII e VI. Ainda nesses casos deveria ser conhecida a forma exata que o mito assume, falando de aparições fugazes ou de assentamentos estáveis. Dessa forma, os *nôstoi* permitiriam deduzir a existência de uma verdadeira tradição de fundações ou apenas uma vaga memória de frequentação. Essas tradições se materializam exatamente nos ambientes e espaços destinados à comunicação social, como templos, contextos de simpósios,¹² que são constituídos e se tornam ativos no interior das próprias colônias décadas depois do momento da fundação. Assim, não é impossível que tenham nascido tradições sobre a presença de heróis aqueus, já em períodos muito recuados, no local das cidades gregas no Ocidente. Isso se levarmos em conta antigas tradições análogas sobre as origens mais remotas de povos e centros indígenas que recuam ao II milênio. Entretanto, essa analogia parece exagerada. Se, por um lado, a tradição que se refere aos povos indígenas e seus centros focaliza a questão das origens, a tradição que surge da literatura arcaica grega indica traços muito mais claros de antigos testemunhos de heróis aqueus (ou outros heróis épicos) em contato com populações e zonas indígenas do que heróis micênicos fundadores de cidades. É como se a materialização de lendas da presença aquéia (ou troiana) do II milênio no Ocidente tivesse que ser filtrada de forma indispensável exatamente pelo ambiente indígena. Neste caso, tal tipo de tradição pode ser explicada de dois modos:

- a) o aparecimento de heróis épicos em conexão com populações indígenas indica que, para os autores do período arcaico (sécs. VII-VI a.C.), a memória histórica não conseguia definir a existência e a autonomia de assentamentos às eventuais presenças micênicas; ou seja, estas estavam à

¹¹ Entretanto, as frequências micênicas na Sicília, que não foram noticiadas pela historiografia siciliota do séc. V e a historiografia conexa, são inegáveis por si, baseadas na cerâmica ou até nas formas arquitetônicas, sobretudo no que toca à Sicília oriental ou as ilhas Eólias. Heródoto fala da presença e da morte do cretense Míno em Camico, na costa meridional da Sicília, mas a presença cretense desaparece da ilha, segundo ele, para ser retomada na Iapígia, na costa adriática da Apúlia. Constatam-se, assim, aspectos de fugacidade de uma tradição, e por isso mesmo, quadros de descontinuidade, que correspondem bem a frequências que não produzem uma tomada no território forte e estável.

¹² De *sym-posion*, beber em companhia: συν (junto) ποσιον (de ποτεω=beber). Banquete.

sombra das sociedades locais, por isso, era possível apenas tê-las como recordação;

- b) não deve ser excluído, numa série de casos, que as tradições sobre a presença de heróis gregos (ou troianos, ligados aos primeiros¹³) cumpriam finalidades de comunicação, contato, troca cultural e, em alguma medida, também de propaganda com relação aos povos indígenas.

Memória grega e a frequência micênica no Ocidente: personagens míticos e núcleos temáticos

Pelo menos cinco personagens míticos e, portanto, cinco núcleos temáticos e ambientes associados conduzem ao núcleo mitológico mais fecundo da frequência micênica no Ocidente: o mito da Guerra de Tróia, com a sequência de retorno dos gregos e fugas dos troianos.

Entre os gregos registram-se Odisseu (Ulisses), no mar Tirreno; Diomedes,¹⁴ no Adriático e Filoctetes,¹⁵ no Jônio. Entre os troianos, Enéias, no Tirreno, e Antenor,¹⁶ em Pádua. É atestada também a presença de troianos em Siris, no mar Jônio, referida pelo menos por Timeu, mas talvez já conhecida de Antioco. Mimnermo¹⁷ já falava da chegada de Diomedes junto ao rei dos daunios; a *Pequena Ilíada* menciona a viagem de Antenor no Ocidente; Ulisses e suas peregrinações no Mediterrâneo ocidental são tema da *Odisséia* de Homero e, na *Teogonia*, de Hesíodo, em versos talvez mais recentes, o herói é considerado pai de Latino, rei dos

¹³ Os troianos eram elevados ao nível cultural dos gregos pelos poemas épicos e pelas tradições correntes entre as populações gregas.

¹⁴ Numa tradição, Diomedes, da Etólia, era um herói entre os que participaram da Guerra de Tróia. Retornando para casa, descobriu a traição de sua esposa e conseguiu escapar das armadilhas que o aguardavam. Refugiou-se no altar de Hera e, então fugiu para a Itália, chegando à corte do rei Dauno. Diomedes lutou contra os inimigos do rei, mas, numa tradição mais tardia, Dauno lhe negou a recompensa prometida. Diomedes rogou uma maldição sobre o reino e o destinou à esterilidade cada ano em que não fosse cultivado por seus compatriotas, os etólios. Ele, então se apossou do reino, mas Dauno o matou.

¹⁵ Herói nascido na Tessália, Filoctetes era responsável pela guarda do arco e flechas de Hércules, como um prêmio por ter atado fogo à pira do funeral de Hércules no monte Eta. Hércules lhe pediu que guardasse segredo do local de sua morte, o que Filoctetes lhe prometeu. Entretanto, mais tarde, quando foi pressionado sobre esta questão, foi à montanha e marcou o ponto em que havia estado a pira de Hércules. Assim, ele quebrou o juramento sem realmente falar. Foi punido por este ato com uma ferida terrível que se abriu em seu pé. Em outra versão, ele foi um dos seguidores de Helena. Juntou-se à expedição de Tróia, mas não alcançou a cidade, pois foi mordido por uma serpente durante um sacrifício. Um odor intolerável de carne podre emanava desta ferida. Odisseu persuadiu os outros capitães gregos a abandonar Filoctetes na ilha de Lemnos, onde ele viveu por dez anos. Uma terceira versão afirma que Filoctetes foi ferido por uma das flechas envenenadas de Hércules que havia sido embebida com o sangue da Hidra de Lerna. A flecha o atingiu no pé quando acidentalmente caiu da aljava, causando uma ferida incurável.

¹⁶ Um dos anciãos do Conselho de Tróia durante o cerco, favorável à devolução de Helena aos gregos, já que ela havia sido trazida insidiosamente. Diz-se que os gregos, reconhecendo a sua imparcialidade, pouparam-no e à sua família quando a cidade foi capturada. Posteriormente a lenda o apresenta como um traidor dos troianos, o qual fugiu para o norte da Itália após a tomada de Tróia.

¹⁷ Poeta lírico grego do séc. VII a.C., nascido em Colofon, na Ásia Menor (ou talvez em Smirna). Escreveu poesia de amor elegíaca. Pouquíssimos fragmentos que sobreviveram indicam que ele escreveu dois livros: *Nanno*, uma coleção de poemas curtos sobre uma variedade de temas, e *Smyrneis*, um poema parcialmente mitológico e parcialmente histórico sobre Smirna.

tirrenos. Na obra de Estesícoro,¹⁸ Enéias dirige-se ao Ocidente e na severa tradição siciliota, é comentada a presença troiana em Segesta e Erice. Esta presença também pode estar refletida na “arqueologia” siciliota das *Histórias* de Tucídides. Independentemente do núcleo mitológico troiano, circulavam no Ocidente as lendas de Hércules e de Minos, também atestadas antes do período helenístico, mesmo que em medida diferente. Especificamente a Roma e ao Lácio, havia um confronto que durou séculos entre as lendas das origens aquéias ou arcádias – incluindo também o filão da *Odisséia* – e as lendas das origens troianas, já presentes em Helânicos de Mitilene.¹⁹

Trajatória do mito das origens troianas

Este mito foi também difundido em ambiente etrusco, mas não passou necessariamente pela mediação etrusca, ou **apenas** por ela. Firmou-se definitivamente entre os sécs. IV-III a.C., mais especificamente nas obras de Timeu de Tauromênio e de Licófron.²⁰ Posteriormente, na segunda metade do séc. III a.C., firmou-se nas tradições amplamente difundidas. Sucessivamente, passou para o mundo grego, com papel compreensivelmente especial da parte grega da Ásia Menor, localizada sobre ou próximo do território da antiga Tróia. Este mito será acolhido pela tradição analítica e reforçado pelo interesse das famílias romanas que se atribuíam origens albanas. A idade de Timeu, portanto, aparece como a época em que acontece uma decantação mais precisa entre as duas faces com que se apresentavam, na lenda, as memórias das frequentações micênicas: a grega e a troiana. Desde então, estarão definitivamente opostas: de um lado, se fixam (e vencem) as tradições troianas para aquelas cidades que, mesmo com referenciais culturais do mundo grego (premissa para o nascimento da lenda troiana), eram e vinham sendo sentidas como não gregas; de outro lado, consolidavam-se as tradições de origens aquéias para as cidades que historicamente foram gregas.

¹⁸ Poeta lírico grego (c.632 – 553 a.C.), nasceu no sul da Itália em Metaurus ou em Lócrida, mas viveu a maior parte de sua vida em Himera, Sicília. Foi um contemporâneo mais jovem de outro poeta lírico, Alcman, e um dos primeiros poetas músicos de coral lírico e o primeiro literato representante da cultura grega no Ocidente. O tema de seus poemas é estreitamente ligado à épica: o cavalo de Tróia, a caça do javali da Caledônia, os jogos dos funerais de Pelias. Dos vinte e seis livros de seus poemas recolhidos, apenas fragmentos sobrevivem, mas suficientes para mostrar que seu tratamento episódico do mito representa um estágio importante na transmissão da épica para a tragédia.

¹⁹ Historiador grego do séc. V a.C., da cidade de Mitilene, na ilha de Lesbos. Situa-se entre os cronistas antigos, precursores dos verdadeiros historiadores, como Heródoto; seus escritos assinalam a transição dos versos dos poetas épicos para a prosa. As narrativas desses cronistas constituíam registros áridos e destituídos de senso crítico, pertinentes a um passado remoto ou mítico, e tratavam geralmente da fundação lendária de cidades ou da genealogia de deuses e heróis. Em comparação com seus predecessores, Helânicos demonstra certo progresso, pois entre suas numerosas obras havia uma chamada *Atthis*, uma história de Atenas até a época do autor, criticada por Tucídides.

²⁰ Poeta grego de Cálcis de período helenístico, nascido em c.325 a.C., a quem se atribui duvidosamente o poema “Alexandra”, um monólogo dramático que se conservou, no qual Cassandra profetiza, num estilo obscuramente alusivo, a queda de Tróia, o destino dos heróis da Guerra de Tróia e outros eventos até o crescimento do Império romano. Licófron escreveu também tragédias (perdidas) e um tratado “Sobre a Comédia”, do qual temos fragmentos.

c) Arqueologia e tradição literária

A reconstrução do tema da pré-colonização grega coloca uma série de exigências metodológicas para que seja possível associar, de um lado, as tradições míticas e, de outro, os registros arqueológicos. A análise dos vários núcleos ou ciclos legendários mostra que eles devem ser analisados de forma diferente, de acordo com: a) a época da primeira atestação; b) a forma que vão assumindo no decorrer do tempo; c) aspectos de continuidade em relação a formulações mais antigas.

Dependendo do sucesso dessa análise, será especificado e confirmado um grau maior ou menor da entidade mítica e a presença grega em um determinado sítio em período micênico ou pós-micênico, quanto aos seguintes aspectos: a) a consistência; b) a capacidade de impacto; c) a duração.

Por outro lado, o êxito final do confronto entre as versões acaizantes (Acaia/aqueus) e troianizantes (Tróia) sobre a chegada de pessoas do Egeu ao Ocidente é também um notável termômetro do juízo dos próprios gregos quanto à taxa de ‘grecidade’ que suas tradições pretendiam atribuir aos povos do Ocidente. Esta análise da estrutura dos mitos, além disso, visando determinar as presenças micênicas, projeta seus resultados sobre o modo de utilização dos registros arqueológicos. O achado de material esporádico, por si só, não corrobora a presença de um assentamento micênico. Outros elementos devem ser considerados na definição do significado histórico daquele achado:

a) deve-se distinguir entre áreas de **irradiação** e áreas onde o material pode chegar como **decorrência**;

b) deve-se examinar também quais sejam os possíveis **vetores** (intermediários) nos locais em que estes não sejam os próprios micênios;

c) deve-se estudar também o **impacto** desta presença grega no **arranjo social**, ou de **qualquer outro tipo**, das populações indígenas;

d) deve-se ainda considerar:

o **contexto completo da *facies* cultural local**
e o **aspecto quantitativo e qualitativo** > do aporte micênico

e) deve-se, enfim, sobretudo definir a relação de fundo que subsiste entre o visitante ou imigrado micênico e a população local.

A forma como se apresenta essa relação entre gregos e indígenas no II milênio é uma espécie de ‘garantia’ do elemento grego às sociedades locais: os gregos procuram sociedades organizadas e acolhedoras; trazem para elas seus produtos, suas experiências, seus conhecimentos técnicos e seus gostos. Por outro lado, satisfazem suas exigências de sobrevivência ou também de inserção naquelas sociedades. Isso é sugerido **arqueologicamente** pelos contextos de habitações indígenas, nos quais foi recuperado normalmente material micênico. É sugerido

também pela representação, nas **fontes literárias**, das peregrinações micênicas no Ocidente: a imagem fundamental é a de homens, que são produzidos em grande número pela Guerra de Tróia. Essa imagem está até mesmo onde a tradição (tardia) fala de verdadeiras fundações de cidades micênicas nas regiões do Mediterrâneo ocidental. Além disso, a poesia grega das origens, de Homero a Hesíodo, contém referências a uma prática da navegação – para o período micênico tanto quanto para o período arcaico – estimulada pela necessidade de sobrevivência e manifestada na pequena cabotagem e na realização de um comércio de ambulantes.²¹

Esse tipo de representação sugerida pela tradição arcaica não se adequa à imagem triunfalista de uma expansão comercial de monarquias micênicas florescentes, que enviam seus homens e produtos a regiões distantes, destinadas a rápida e radicalmente se tornarem gregas.

Lácio e Roma

Em relação ao Lácio, as afirmações e reservas sobre as indicações da presença grega na Itália e, especificamente no Lácio, para o período micênico, valem naturalmente também para Roma no período arcaico. A atenção para as frequentações gregas de um e de outro período na região vincula-se a dois aspectos: a) à definição de Roma como *polis hellênis*, ‘cidade grega’ em Heráclides Pôntico;²² b) à presença cerâmica micênica no Lácio ou grega arcaica no sítio de Roma. Essas frequentações, para o período arcaico são ainda mais significativas, na medida em que podem se valer do apoio de verdadeiras cidades gregas na Itália meridional, e particularmente na Campânia, mas que, **nem por isso, conseguem fazer de Roma, pura e simplesmente, uma cidade grega.**

Na realidade, essa definição de Heráclides Pôntico é uma referência de Plutarco, que recusa essa afirmação. Ao mesmo tempo, tanto Plutarco, em suas obras *Vida de Camilo* e *Rômulo*, quanto Estrabão (5.3.3.) são céticos quanto às tradições ‘grecicizantes’ em excesso para as origens étnicas e políticas de Roma. Acrescente-

²¹ Na *Íliada* (2.292-94) encontra-se uma passagem que evoca um personagem, provavelmente um ambulante, que, após um mês de navegação, já tem uma irrefreável saudade de casa.

²² Filósofo e astrônomo grego do séc. IV a.C. Nascido em uma família aristocrática em Heracléia, no mar Negro, chegou à Academia como discípulo de Spêusipos – sobrinho de Platão e seu sucessor à frente da Academia. Depois de ter sido derrotado por pequena diferença por Xenócrates na disputa pela vaga de Spêusipos, após sua morte em 338 a.C., retornou a Heracléia. Restaram apenas fragmentos de suas obras – principalmente diálogos – mas eles revelam seu amplo interesse em ética, política, história, literatura, física e astronomia. Em física, ele apresentou uma teoria corpuscular para explicar a mudança e, na astronomia, atribuiu-se a ele a crença na rotação axial da terra. Entretanto, a idéia de que ele afirmava que Mercúrio e Vênus giravam em torno do Sol, enquanto o próprio Sol se movia em torno da Terra, e de que ele teria sido, assim, o precursor de Tycho Brahe, é espúria.

se que Heráclides Pôntico, independentemente de Plutarco, recebe epítetos que se referem à falsidade e à tendência ao *mythôdes*²³ (ficção). Além disso, deve ser destacado que o próprio Dionísio de Halicarnasso, autor que com mais coerência desenvolveu a tese sobre a ‘grecicidade’ romana, confirma a opinião majoritária dos autores contra as origens gregas de Roma, pois faz uma declaração de princípio com a afirmação de uma ‘originalidade’ de sua tese, ou seja, estava fazendo uma demonstração que era contrária ao tipo de opinião que corria sobre Roma no mundo grego. Na própria historiografia latina, apenas um analista (Acílio?) ousava considerar Roma como uma fundação helênica. Isto mostra qual fosse a posição dos outros.

A orientação grega clássica, por seu lado, pode ser mais bem exemplificada a partir de atitudes como a de Aristóteles, que, mesmo difundindo a idéia de uma chegada de aqueus com prisioneiros troianos em ‘Latino’ (Lavínio?); mesmo conhecendo e comentando instituições romanas; ainda não admitiu Roma no quadro daquelas constituições ótimas (Esparta, Creta, e Cartago), no qual apenas uma é tomada emprestado do mundo dos bárbaros.

Entre Aristóteles (séc. IV a.C.) e Políbio (séc. II a.C.) se coloca Timeu de Tauromênio, que deu um impulso decisivo à definição das origens troianas de Roma. Políbio, por sua vez, tinha uma posição intermediária sobre a relação de Roma com o mundo grego. Este historiador, mesmo com todo o seu filoromanismo; mesmo com a assunção de Roma no quadro das constituições ótimas; aliás, mesmo conferindo-lhe a primazia absoluta no âmbito constitucional, não consegue superar toda a perplexidade na definição da relação originária de Roma com o elemento grego e parece colocar a cidade numa zona intermediária entre a ‘grecicidade’ e a barbárie. Esta postura testemunha certamente o prestígio de Roma e a atenção particular que o mundo grego helenístico lhe reserva, mas testemunha também (com maior evidência) a dificuldade que, na visão dos próprios gregos mais favoráveis a Roma, persiste em apagar aquela fisionomia de cidade diferente, radicada na realidade do Lácio e da Itália, que a experiência histórica os faz reconhecer.

Para o ambiente grego da Itália e o ambiente siciliota em particular, ainda que com excessiva generalização, Roma deveria aparecer mais como uma *polis tyrrenis*.²⁴

Este desenraizamento total de Roma e dos latinos da história da Península Itálica era o resultado da demonstração na qual Dionísio de Halicarnasso

²³ μυθοδης, que se assemelha a uma ficção, fabuloso. É um adjetivo derivado de **mito**, μυθος, que significa palavra, discurso. Após Homero adquiriu o significado de fábula, particularmente, lenda, discurso não histórico, mito.

²⁴ Cidade tirrênica, com referência à Etrúria – os etruscos eram chamados tirrênicos pelos gregos.

fundamentava sua tese da ‘grecidade’ étnica de Roma. Tratava-se de uma demonstração trabalhosa e, em larga medida, cheia de artifícios. De fato, eram gregas, aos seus olhos, todas as componentes originárias de Roma: os arcádios de Evandro; os aborígenes do Lácio, fundidos com os troianos no novo povo dos latinos; os pelagos, presentes em tantos lugares da Itália antiga em torno de Roma; os exilados, conduzidos por Hércules (epeus e feneatos), que teriam chegado ao Lácio original.

A tese da ‘grecidade’ absoluta dos romanos e latinos era acompanhada por uma ‘des-etrusquização’ radical da história de Roma, que passava dos limites.

Retornando às questões metodológicas apontadas no início, o problema que se apresenta ao historiador é **definir bem o nível em que vão ser colocadas a documentação arqueológica e a tradição literária**. Quanto à documentação arqueológica, a parte mais conspícua é a cerâmica; a tradição literária se apresenta bem mais articulada pela tese corajosa, mas, em grande parte unilateral, de Dionísio de Halicarnasso.

A cerâmica, como tantas manufaturas que circulam pelo Mediterrâneo, pertence ao nível da ‘longa duração’ e fala a conversa submissa e ininterrupta que em cada período se entrelaçou entre as margens do Mediterrâneo e da qual os gregos participaram de maneira relevante. Mas, as sociedades da Itália antiga sempre tiveram um rosto seu, do qual são recuperados os traços originais nas nossas representações. A análise do contexto resultante desses contatos deve ser feita considerando tanto as raízes dessas sociedades quanto os aportes sucessivos que elas receberam. Ou seja, o quadro de conjunto conserva o que é específico de um determinado ambiente histórico (a cultura, a política e a sociedade) e para recompô-lo devem ser aplicados estudos quantitativos e qualitativos, tendo por base as seguintes questões relativas aos contatos externos e internos:

- a) quais são, de modo geral, as relações da sociedade e da cultura romanas com o exterior que vem do mar?
- b) quanto permanece, no longo período da história de Roma, daquela relação intensa e qualificante com o interior, do qual a cidade emerge e que funde e exprime largamente?

Nada dá a idéia da relação complexa de Roma com o mar, como uma passagem da *Republica* (2.3.5 – 2.5.10), na qual Cícero louva a ‘*incredibilis opportunitas*’, com que Rômulo situou Roma **próximo**, mas não **junto**, ao mar: resultam disso, vantagens de ordem estratégica e moral, e quando Cícero as descreve, retoma em grande medida a polêmica tradição grega contra as cidades

marítimas e contra a atividade mercantil. Entretanto, o autor confirma esta tradição com considerações e confrontos específicos extraídos da experiência histórica de Roma. Aos seus olhos, Roma se torna, assim, um ponto de intersecção e de equilíbrio admirável entre o mar e o interior:

“Como, com mais profética intuição, Rômulo teria podido colher as vantagens do mar e evitar seus inconvenientes, senão colocando-a na margem de um rio perene e uniforme, e que com amplo curso desemboca no mar, para que a cidade pudesse receber do mar aquilo de que tinha necessidade e restituir a ele aquilo de que tivesse superabundância, e para que pudesse, ao longo do mesmo rio, não somente absorver do mar as mercadorias necessárias às necessidades, mais e menos elementares, da vida, mas também recebê-las por via terrestre? Ao ponto que me parece que, já então, Rômulo adivinhasse que esta cidade teria dado sede e abrigo ao sumo império: tanta potência, de fato, não poderia tê-la conseguido mais facilmente outra cidade, situada em qualquer outra parte da Itália”.

(Cícero, *Da República*, 2.5.10)

Da cidade, Cícero destaca, portanto, uma localização mais tiberina do que costeira que lhe marca a centralidade em relação à península, isto é, para um ‘interior’, com o qual a ligação é assegurada, sobretudo, pelo grande rio da Itália central. O eixo fluvial em cuja extremidade, ou quase, se encontra Roma, é certamente uma das grandes vias de comunicação e troca, um dos grandes veículos geográficos, econômicos e culturais que ligam Roma à Itália e vice-versa, porém, não certamente o único.

A cidade se revela, no período de suas origens, sede de uma *koiné*²⁵ cultural, para cuja constituição concorrem a **cultura local** e também um claro conjunto de contribuições externas (**itálicos**, num sentido mais lato; **etruscos**; **gregos**) das quais devem ser consideradas, sem sacrifício de nenhuma delas: a) a entidade específica; b) a relação que instauram com as demais componentes; c) o efeito histórico de conjunto que deriva disso.

²⁵ Tem um sentido de comunidade. Do grego κοινη.